

LIVROS, TELEVISÃO E JORNALISMO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Books, television and journalism: a possible relationship

Libros, televisión y periodismo: una posible relación

Mônica Rodrigues Nunes

Professora doutora do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CJE-ECA-USP).

E-mail: mrnunes@usp.br

Resumo

Tomando a produção televisiva brasileira como objeto de estudo, esta pesquisa busca entender e discutir a presença de programas informativos sobre literatura na grade de programas de cinco emissoras generalistas de sinal aberto e cobertura nacional. Em um segundo momento a análise se direciona a entender como o programa "Trilha de Letras" da TV Brasil aborda o livro e a literatura. Amparado em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, os resultados evidenciam que, nas emissoras comerciais, a literatura é utilizada apenas como entretenimento e que o programa "Trilhas de Letras" possibilita, às amplas camadas do público, o contato com diversas obras literárias, contribuindo para ampliação do seu repertório.

Palavras-chave: Livros. Televisão. Jornalismo cultural. Grade de programas. TV Brasil.

Abstract

Taking Brazilian television production as an object of study, this research seeks to understand and discuss the presence of informative programs on literature in the five broadcast television. In a second moment, the analysis is directed to understand how the program "Trilhas de Letras" of TV Brasil approaches the book and the literature. Based on bibliographic research and content analysis, the results show that, in broadcasters television, literature is used only as entertainment and that the "Trilha de Letras" program enables the broad public to contact several literary works, contributing to expand his repertoire.

Keywords: Book. Television. Journalism

Resumen

Tomando la producción televisiva brasileña como objeto de estudio, esta investigación busca entender y discutir la presencia de programas informativos sobre literatura en cinco cadenas generalistas de alcance nacional. En un segundo momento, el análisis busca entender cómo el programa "Trilha de Letras" de TV Brasil aborda el libro y la literatura. Apoyado en investigación bibliográfica y análisis de contenido, este texto señala que, en las emisoras comerciales, la literatura, en la actualidad, está sólo como entretenimiento y que el programa "Trilha de Letras" posibilita, a un amplio público, el contacto con diversas obras literarias, contribuyendo para aumentar su repertorio.

Palabras clave: Libro. Televisión. Periodismo.

Introdução

No ensaio “Direito à literatura”, Antonio Candido afirma que “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (2004, p.175). O autor acrescenta ainda, que a literatura concedida em sentido amplo – todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita – corresponde a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita, constituindo um direito universal.

Mas no caso da sociedade brasileira, aponta Candido, o homem do povo está privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura das obras eruditas. Para ele, fica a literatura de massa, o folclore, a canção popular e o provérbio. “Estas modalidades são importantes e pobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas” (CANDIDO, 2004, p.186).

Recordemo-nos que o Brasil, durante um longo período, foi caracterizado pelas altas taxas de analfabetismo. Foi em meados do século XX que o número de alfabetizados ultrapassou o número daqueles que não sabiam ler e escrever. Mas este novo público, com potencial para consumir literatura, à medida que crescia, ia sendo rapidamente conquistado pelo grande desenvolvimento dos novos meios de comunicação, entre eles a televisão. “Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura” (CANDIDO, 1989, p. 144).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) divulgada em maio deste ano, mostra que há, no Brasil, 11,5% de analfabetos. Apesar da curva descendente das taxas de analfabetismo, o interesse pela literatura ainda é baixo. A “Pesquisa Retratos da Leitura” (2015)¹, revela que, no Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro.

¹ Disponível em http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-2015.pdf. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Já a televisão, mesmo com o impacto das novas tecnologias, continua a exercer grande influência na sociedade brasileira com grande importância tanto para informação, quanto para consumo cultural.

O estudo “Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013/2014”, mostra que as atividades culturais que podem ser praticadas em casa têm maior adesão por parte dos consumidores brasileiros e são, também, as mais realizadas. Em uma escala quantitativa, a televisão está em 2º lugar, com 31%, atrás apenas de ouvir música, com 36% (JORDÃO & ALLUCCI, 2014, p.52).

Já o estudo “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016”, que aborda os hábitos de consumo de mídia da população brasileira, revela que a televisão é o meio que possui maior público e audiência, e é o meio de comunicação mais acessado pelos entrevistados. Além disso, 89% dos brasileiros declarou usar a televisão para obter notícias, número bem acima da internet (49%), do rádio (30%), dos jornais (12%) e das revistas (1%).

Vale ressaltar que, ao contrário dos veículos impressos, a televisão está presente em quase 100% dos lares brasileiros. E sendo ela o principal meio por onde os brasileiros se informam, o jornalismo cultural tem a possibilidade de colocar a cultura e a arte em um campo possível, mais próximo do cotidiano dos telespectadores. Isto porque, em um país com poucas possibilidades de fruição cultural – seja pela oferta, seja pelo seu custo econômico – o jornalismo televisivo pode ser um mediador entre a arte, a literatura e o público, possibilitando o incremento do repertório sobre estes temas.

Diante do exposto, a questão que se coloca neste artigo é: a televisão generalista brasileira tem contribuído para aproximar o público da literatura?

Para responder a esta questão, foi realizada, no período de 20 a 26 de agosto de 2018, análise da oferta de programas de quatro emissoras comerciais – TV Globo, TV Record, SBT e Band TV – e uma emissora pública – TV Brasil –, todas generalistas, de sinal aberto e cobertura nacional². O

² O levantamento dos dados das cinco emissoras foi realizado a partir das informações divulgadas em seus sites e pelo jornal O Estado de S. Paulo (boletins de programação). Para esta análise considerou-se todo o período em que cada emissora permaneceu no ar (a grade foi a transmitida para a cidade de São Paulo), com início em uma segunda-feira estendendo-se até o domingo.

levantamento apontou³ que, no período analisado, nestas emissoras, havia apenas um programa de informação dedicado exclusivamente ao universo literário: o programa “Trilha de Letras” da TV Brasil.

Amparado em pesquisa bibliográfica e de conteúdo, em um segundo momento, esta pesquisa direcionou-se a entender como se configura o espaço das letras e dos livros em programas informativos. Para isto, tomou-se como objeto formal o programa “Trilha de Letras” da TV Brasil. Algumas questões nortearam a análise: quem são os entrevistados do programa? A abordagem dos programas está centrada apenas ao universo literário? Qual a temporalidade das obras citadas?

Por fim, embora sejam aspectos bastante relevantes, este texto não investiga o tratamento que o programa dá aos gêneros literários e a qualidade das produções literárias abordadas.

1. Livros e Televisão

O Brasil entrou oficialmente na era da televisão em 18 de setembro de 1950. As primeiras emissoras instaladas no país chegaram através do capital privado. Entre elas, a TV Tupi de São Paulo e a do Rio de Janeiro, que faziam parte de um conglomerado de comunicação – de jornais, de revistas e de emissoras de rádios –, os Diários Associados, todos de propriedade de Chateaubriand.

Em sua fase inicial, em razão da falta de experiência dos profissionais e de poucos modelos de programas de televisão (apenas realizados fora do Brasil), o que se via era uma cópia dos programas feitos nas rádios.

Neste período, a programação dividia-se em produções populares com atrações infantis, humorísticas, vídeos políticos, telejornais, filmes e programas culturais, com apresentações artísticas de teatro, de dança, de música, de poesia e de teleteatros.

A primeira década de emissões da televisão, se comparada às posteriores, foi a que permitiu maior espaço para produções com forte apelo cultural, com a produção e exibição de atrações vinculadas ao universo erudito e popular.

Além de espaços para leitura de poesia, um programa de informação sobre literatura era produzido e veiculado, na década de 1950, pela TV Tupi, intitulado “Os Arquivos Implacáveis na TV”⁴. Apresentado por João Condé e dirigido por Carlos Thiré, neste programa havia entrevista com escritores e lia-se trechos de romances ou poemas.

Se por um lado, os programas de informação sobre o universo literário eram, e ainda são, escassos na televisão, por outro, a adaptação de obras de autores nacionais e internacionais foi amplamente utilizada. Primeiramente foi o teleteatro, que segundo Brandão foi “o principal gênero dramático da televisão brasileira a que se assistiu nos anos 1950” e que atingiu grande prestígio junto ao público e profissionais do meio, em parte, devido “ao fato de os principais teleteatros (Grande Teatro Tupi, TV Vanguarda, TV de Comédia, Câmera Um) trazerem para a TV um referencial da chamada ‘alta cultura’, exibindo os clássicos da dramaturgia e literatura mundiais e, ainda, levando à telinha os atores mais representativos do nosso teatro” (BRANDÃO, 2010, p. 39).

Segundo Freire Filho (2004) a proximidade entre literatura e televisão era vista de forma muito positiva por profissionais da TV, escritores e jornalistas culturais. Eles apostavam “numa convivência mutuamente enriquecedora entre a televisão e as letras, procurando assimilar as regras da linguagem televisiva, a fim de utilizá-la em prol da arte literária e da cultura livresca (FREIRE FILHO, 2004, p.5)

Outro gênero que se alimentou da produção literária (nacional e internacional) foi a telenovela. Segundo Guimarães, entre 1952 e 1994, mais de um terço das telenovelas produzidas eram de adaptações literárias; “na década de 1970, criou-se um horário para exibição de telenovelas baseadas em

³ O recenseamento dos programas permitiu reunir as seguintes informações dos programas realizados pelas emissoras analisadas: título, tipo de produção, horário de exibição, tipo de transmissão (ao vivo; gravado), duração, horário de emissão, categoria, gênero, natureza do programa (temático, generalista), tema do programa, equipe de profissionais, periodicidade, data, dia da semana (veiculação), reprise e resumo.

⁴ Este programa foi inspirado na coluna “Os Arquivos Implacáveis”, assinada João Condé, na década de 1940, no jornal A Manhã, e depois, na Revista O Cruzeiro. “Os Arquivos Implacáveis”, na imprensa escrita, versava sobre autores, livros e literatura.

textos literários, desta vez exclusivamente brasileiros. A partir dos 1980, as adaptações de obras brasileiras deslocaram-se para as minisséries” (GUIMARÃES, 1996-97, p. 192).

Na segunda metade da década de 1960, a telenovela diária já se impunha como gênero de maior popularidade e de baixo custo para as emissoras de TV (BRANDÃO, 2010, p.48). O baixo custo foi possível com a aquisição de videoteipe (permitindo a gravação e edição de imagens e de sons). Além disso, este novo equipamento tirava das emissoras a obrigatoriedade de se fazer programas no formato ao vivo – possibilitando a produção de atrações que exploravam as potencialidades do meio (até então, nas produções nacionais o texto prevalecia em relação à imagem). O videoteipe também permitiu, anos mais tarde, a transmissão de conteúdos em rede.

Nos anos 1960, a televisão brasileira começa uma fase de consolidação e adquirir contornos de indústria, torna-se um veículo de massa, alcançando às regiões mais afastadas⁵ do país. Neste mesmo período, cresce o número de famílias que adquiriram aparelhos televisivos, facilitados, sobretudo, pela instalação da indústria de eletroeletrônicos no país.

Com preços mais acessíveis, o aparelho de TV deixava de ser um artigo de luxo, e o meio começava a se popularizar, permitindo as condições necessárias para estruturação de um modelo de televisão comercial. As produções culturais que davam legitimidade ao meio televisivo, mais alinhadas a um público elitizado, foram substituídas por produções mais populares capazes de agradar a um público mais amplo, de todas as classes sociais, de todo o território nacional (com a transmissão de conteúdos em rede).

Com a implantação das emissoras públicas, educativas e culturais no país, a partir de 1967, vê-se um contraponto na oferta televisiva, com programação direcionada para conteúdos voltados ao âmbito da educação e da

cultura. Comportamento que se matem nos dias atuais. Nelas, encontram-se programas (de informação e de opinião) voltados ao universo cultural e artístico, com algum espaço para o livro e literatura. Alguns exemplos são o programa “Metrópolis”, da TV Cultura, “Agenda”, da Rede Minas; “Estação Cultura”, da TVE/RS (Fundação Cultural Piratini); e Programa “Soterópolis”, da TVE Bahia. Os programas citados são produzidos no formato de revistas eletrônicas⁶ e a maior parte dos conteúdos estão voltados para a divulgação da cultura local e regional.

As emissoras educativas e culturais também veiculam programas especializados em literatura⁷. A periodicidade destes programas é variável, em média, com edições semanais com a inserção de uma ou duas reprises. Como por exemplo “Conversações”, da Rede Minas e o “Trilha de Letras”, da TV Brasil.

A análise da grade de programa das emissoras comerciais analisadas, TV Globo, TV Record, SBT e Band TV, apontou que, no período analisado, não há programas de informação voltados ao universo literário. Tal resultado demonstra que o tema não é uma prioridade. Isto porque, a ação entendida como arte de programar é um procedimento calculado. “A característica essencial da televisão não é tanto a produção de obras, mas a articulação cotidiana da efemeridade de um fluxo na regularidade do tempo social”. (JOST, 2007, p. 26).

Além disso, a justificativa para tal comportamento pode estar, entre outros, no fato de que os programas não se prestarem da mesma maneira à inserção publicitária. As emissoras comerciais são levadas a escolher programas pensados em função dos anunciantes – poucos se arriscam a patrocinar programas não-convencionais.

⁵ A implantação da Empresa Brasileira de Comunicações (Embratel) permitiu, além da modernização das telecomunicações no país e da expansão do alcance da televisão, a criação das primeiras emissoras públicas e produziu “as condições necessárias à expansão do mercado publicitário” (SANTOS & CARNIELLO, 2013, p.14).

⁶ Segundo Souza (2004, p. 130) um ou dois apresentadores tem sido a fórmula mais utilizada nas revistas eletrônicas, termo que define ainda mais o caráter informativo do gênero, normalmente formatado como um telejornal, com reportagens, prestação de serviços, entrevistas, comentaristas.

⁷ A título de registro, a oferta de programas sobre literatura também está presente em canais por assinatura como a Globo News que apresenta, semanalmente, o “Globo News Literatura” e o canal o Arte 1, canal temático sobre artes e cultura, que veicula o programa “Arte 1 ComTexto”.

As emissoras comerciais precisam atender às necessidades dos anunciantes, ao contrário das educativas que buscam as necessidades do público (SOUZA, 2004).

As emissoras generalistas de sinal aberto brasileiras têm uma programação dirigida para toda a população e a característica de fazer um corte vertical por todas as categorias sociais brasileiras, que faz a programação ser vista e assimilada perfeitamente da classe AA à classe DD representa um grande desafio. Por isso, para alcançar maior faixa de público, de todos os níveis sociais – com diferentes interesses e repertórios –, as emissoras comerciais preferem produzir programas que mesclam informação e entretenimento, programas de auditório e de variedades. Neles, a pauta cultural é utilizada como estratégia para atrair a audiência.

Nestes programas, a seleção das pautas culturais está, quase sempre, atrelada ao factual, como a canção hit da vez, o lançamento de uma obra de algum artista consagrado ou de algum artista contratado da emissora, a participação de um (a) artista internacional que está no país para algum evento ou a cobertura de grandes eventos culturais, como por exemplo, a Bienal do Livro.

2. Jornalismo cultural, artes e literatura

A falta de atrações jornalísticas voltadas ao âmbito cultural mostra-se mais preocupante se voltamos o olhar para a audiência das emissoras comerciais, que estão entre as mais assistidas.

A baixa presença de espaço para o jornalismo cultural se mostra como um problema, uma vez que esta modalidade jornalística é capaz, como

apontou Rivera (1995, p. 11), de refletir lealmente as problemáticas globais de uma época, que

satisface demandas sociales concretas e interpreta dinamicamente la creatividad potencial del hombre y la sociedad (tal como se expresa en campos tan variados como las artes, las ideas, las letras, las creencias, las técnicas, etcétera), apelando para ello a un bagaje de información, un tono, un estilo y un enfoque adecuado a la materia tratada y a las características del público elegido (RIVERA, 1995, P.11).

A análise da grade das emissoras demonstra que, na TV Brasil, e isso pode ser generalizado para outras emissoras públicas, o espaço para o jornalismo cultural se dá de diversas maneiras, em reportagens e na agenda cultural veiculadas nos telejornais, em programas dedicados exclusivamente aos temas culturais e em programas especializados sobre cinema, teatro, música, literatura, entre outros. Entre as emissoras analisadas, a TV Brasil é a única emissora a produzir um programa informativo sobre literatura, o “Trilha de Letras”.

Já em emissoras comerciais de sinal aberto, a presença de notícias culturais está restrita aos telejornais. Para além de algumas poucas exceções⁸, o que se percebe é que as notícias ditas culturais parecem não ter muita relevância e importância no jornalismo televisivo, ao contrário de esportes, economia, política e informações internacionais, que têm espaço garantido nas edições dos telejornais, veiculados nas diferentes faixas de horário.

Quando há alguma pauta sobre assuntos culturais, uma estratégia na produção dos telejornais, de emissoras comerciais, é a sua veiculação no encerramento da edição. E em situações, onde haja necessidade de alteração

⁸ Dois telejornais veiculados por emissoras comerciais o espaço de sinal aberto, que têm dado espaço regular para a notícia cultural são o “Leitura Dinâmica”, da Rede TV, e “Jornal da Globo”, da Rede Globo, veiculados no final da noite. O primeiro exhibe, em todas as edições, notas cobertas sobre artes e espetáculos (das grandes capitais do país. Já o “Jornal da Globo” apresenta, desde 21 de novembro de 2008 no encerramento de edições de sexta-feira, uma coluna de cultura, arte e comportamento assinada por Nelson Motta (com predominância para pautas sobre música, de todos os gêneros, com algumas edições sobre cinema, teatro, tecnologia, entre outros).

do espelho do telejornal, com a exclusão de algum conteúdo, as matérias culturais – independente da forma como foram elaboradas – são as primeiras a serem descartadas. Nos telejornais de cobertura nacional tal comportamento é mais evidente. Neles, em geral, as notícias culturais são veiculadas no encerramento das edições de sexta-feira, ou nas edições de sábado.

No telejornalismo brasileiro realizado por emissoras comerciais, independente do horário de emissão, percebe-se dois critérios de noticiabilidade predominantes na seleção das notícias culturais: a curiosidade – uma manifestação artística erudita que tenha como inspiração assuntos polêmicos ou pouco usuais, como por exemplo, a estreia de um espetáculo de dança que faz uma composição inspirada nos ritos de umbanda, em especial à figura do orixá Exu ou de jovens músicos de projetos sociais que se apresentam com renomados artistas; e a morte – de um artista consagrado (brasileiro ou estrangeiro).

Também há, a realização de reportagens de temas que se destacam pela importância e grandeza, como por exemplo, grandes eventos culturais (exposições, shows, feiras), prêmios concedidos a artistas por instituições internacionais ou apresentações ou ainda exposições de artistas brasileiros em espaços internacionalmente reconhecidos, ou o contrário, quando há, no país, exposições ou apresentações de artistas estrangeiros renomados.

Um estudo sobre três telejornais veiculados em âmbito nacional no início da manhã – Notícias da Manhã (SBT), “Fala Brasil” (Rede Record) e “Bom dia Brasil” (Rede Globo) (TEMER & NUNES, 2014) – mostrou que a maioria das informações com vínculo com a cultura é ainda pouco valorizada nas redações. Elas estão ligadas a eventos pontuais, como a apresentação de agenda cultural.

Comportamento análogo está presente nos telejornais locais ou regionais. Percebe-se em alguns deles – de emissoras educativas, em algumas

emissoras comerciais, entre elas, a TV Globo, e por algumas de suas afiliadas – nas edições de sexta-feira, entrevistas em estúdio (ao vivo) com artistas que estão em cartaz e, também, a apresentação de uma agenda cultural dos eventos do fim de semana.

Outra característica bastante marcante no telejornalismo brasileiro, que é a baixa produção de conteúdos realizados na categoria opinativa, também se aplica quando o assunto é artes, literatura e espetáculos. As pautas sobre cultura são realizadas seguindo as mesmas premissas dos assuntos factuais.

Ao contrário do que acontece em cadernos diários de cultura, com a publicação de reportagens e análises sobre livros, nos telejornais este é um tema pouco frequente. Pautas sobre o universo do livro e da literatura se configuram em exceções, salvo quando se trata de grandes eventos, premiações ou feiras literárias.

3. TV Brasil: um breve histórico

A TV Brasil é uma emissora pública que foi fundada em 2 de dezembro de 2007, por meio de Medida Provisória, dois meses depois da criação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)⁹, responsável por sua gestão.

A fusão das TVs Educativas do Rio de Janeiro e do Maranhão e da TV Nacional de Brasília deu origem à TV Brasil que, atualmente, conta com filiais em vários estados e no distrito federal. A criação da TV Brasil teve como princípio a complementaridade entre sistema público, privado e estatal de comunicação.

A grade de programas da TV Brasil, em seu período inicial, era composta por programas das emissoras educativas (que passaram a fazer parte

⁹ Empresa Brasil de Comunicação é uma empresa pública e foi criada em 2007, durante o segundo mandato do presidente Lula, abaixo da Secretaria de Comunicação, à época comandada por Franklin Martins, que tinha o interesse de criar uma concorrência à grande mídia. A EBC é responsável pela administração das emissoras de rádio e televisão públicas federais, pela Agência Brasil, Radioagência Nacional, TV Brasil Internacional, Rádios MEC AM e FM, além das Rádios Nacional do Rio de Janeiro, Nacional AM e FM de Brasília, Nacional da Amazônia e Nacional do Alto Solimões.

dela) para, posteriormente, desenvolver uma programação própria, com ênfase em conteúdos não contemplados por emissoras comerciais, como programas voltados a minorias sociais, inclusivos, com faixa reservada para programas com foco na cultura regional dos diversos estados brasileiros e, ainda, a realização de programas sobre ciência, meio ambiente e cultura.

Cabe ressaltar, que desde 2016 a TV Brasil tem sofrido ameaças de fechamento, baseadas em críticas sobre o funcionalismo (inchaço da máquina pública), os valores gastos para a sua manutenção e a baixa audiência. Em 2017, o Governo Temer sancionou, com vetos, a lei que altera a estrutura da EBC, entre elas, a extinção do Conselho Curador, passando a ser administrada por um Conselho de Administração.

Os programas realizados pela TV Brasil também podem ser acessados em sua página na internet e em seu canal no YouTube. Alguns programas, disponibilizam conteúdos audiovisuais extras nestas plataformas, como o programa “Trilha de Letras”.

4. Letras e livros na TV Brasil

A estreia do programa “Trilha de Letras” foi em dois de abril de 2017. Com roteiro de Maíra de Assis e direção e coordenação de Emília Ferraz, o programa de entrevistas é conduzido pelo jovem escritor e roteirista Raphael Montes. .

Com edições semanais¹⁰, o programa “Trilha de Letras” é uma atração que associa literatura e informação. Ele é veiculado às terças-feiras, às 21h. A cada episódio, um tema norteia a entrevista em estúdio.

Atualmente o programa está em sua segunda temporada. Em sua estrutura, além das entrevistas, há o quadro de recomendações de livros, “Leituras com Katy”, com a jornalista Katy Navarro e o quadro “Dando a Letra”, que se constitui em um espaço para a participação de telespectadores que possuem projetos e obras literários. Outra característica do programa é a

inserção de sonoras gravadas com especialistas e escritores que trazem outros pontos de vista sobre a temática de cada edição.

As observações apresentadas a seguir se baseiam na análise de conteúdo dos programas exibidos nos meses de setembro e outubro de 2018. Ao todo, foram 7 episódios, em cada um deles, houve um entrevistado em estúdio.

Para este estudo, utilizou-se o material disponível na página do programa na internet¹¹. Foram considerados apenas os programas exibidos na televisão, excluindo desta análise, vídeos extras gravados com entrevistados dos programas analisados, como por exemplo, aqueles com dicas de livros e a leitura de trechos de obras.

Para este estudo, o critério de categorização para análise do “Trilha de Letras” foi semântico (categorias temáticas). A análise de conteúdo foi utilizada para enriquecer a tentativa exploratória, aumentando a propensão à descoberta (BARDIN, 2011). Buscou-se verificar as especificidades do programa quanto à: data exibição; tempo programa com arte; nome do entrevistado; nacionalidade; breve currículo; livros publicados; prêmios; números de livros citados no programa; obras de outros formatos citados no programa; enfoque do programa; sonora (nome e profissão); local da entrevista; livros indicados por Katy Navarro; e quadro “Dando a Letra”.

A edição do “Trilha de Letras” está centrada em um jogo de imagens entre entrevistado (a) e entrevistador, em geral, gravados em planos médios. Para a realização das entrevistas o cenário foi sempre o mesmo, entrevistador e entrevistado (a) sentados um de frente para o outro, entre uma pequena mesa, onde são colocadas algumas obras dos convidados. O pano de fundo é uma pequena estante com livros e outros objetos, com destaque para uma antiga máquina de escrever.

Os programas têm em média 26 minutos (com arte) e são divididos em dois blocos, com média de 13 minutos cada; não há transição de um bloco para outro. Ao final do primeiro bloco, há a inserção do quadro “Leituras com Katy”. Ao iniciar o segundo bloco, o apresentador faz uma pequena

¹⁰ Com duas reprises semanais, quarta-feira às 6h e domingo, às 0h30. O programa também pode ser acompanhado na Rádio MEC AM Rio 800kHz, toda terça-feira, às 23h, e aos domingos, na mesma emissora às 12h30.

¹¹ <http://tvbrasil.ebc.com.br/trilhadeletras>.

introdução para o quadro “Dando a Letra”. Com exceção de uma edição, onde houve a inversão de localização dos quadros entre os blocos, esta foi a dinâmica seguida pelo programa, no período analisado. Já as sonoras com especialistas, são inseridas nos dois blocos.

No corpus de análise (meses setembro e outubro de 2018) foram entrevistados sete¹² nomes. Foram eles: Nei Lopes (em 04/09/2018, com o tema intolerância); Cacá Diegues (11/09/2018, cinema e literatura), Tania Carvalho (18/09/2018, Ghost Writer), Eliana Alves Cruz (25/09/2018, romance histórico-policial); Nilton Bonder (02/10/2018, totalitarismo); Duca Rachid (09/10/2018, dramaturgia); Paulo Henriques Britto (23/10/2018, a tradução literária).

A primeira característica que se percebe ao analisar o conjunto de programas é a presença de temas factuais (mas sempre a partir da literatura). Neste período, foram discutidos temas como racismo, intolerância religiosa, polarização (esquerda/direita), comportamento da mídia e redes sociais.

Todos os entrevistados no “Trilha de Letras”, no período analisado, são brasileiros e todos os textos mencionados foram escritos e publicados em língua portuguesa. O perfil dos entrevistados é de pessoas que transitam pelo mundo dos livros e, também, em outros setores culturais como música, cinema, teatro e televisão, exercendo atividades como roteiristas, jornalistas, diretores, compositores, adaptadores e tradutores. No período analisado, Duca Rachid foi a única entrevistada que ainda não tem um livro publicado. Com duração aproximada de dois minutos, o cenário escolhido para gravar “Leituras com Katy” foi uma livraria. Nela, a jornalista Katy Navarro aparece em plano médio sempre com o livro escolhido em mãos. O texto está centrado em um breve relato sobre a obra, alguns trechos são lidos, seguidos de comentários. No vídeo, também aparecem, em GC, as indicações bibliográficas da obra, contendo autor, título, editora e ano.

No programa, Raphael Montes atua como interlocutor, buscando fazer uma ponte entre a temática do programa, o convidado e suas obras. Em todos os programas, os entrevistados falam de carreira, vida pessoal, concepção, tratamento e processo de produção das obras literárias e artística.

Neste sentido, vê-se a busca em aproveitar o entrevistado como fonte original e única de informação. O tratamento dado nas entrevistas está próximo do perfil humanizado: “uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 1986, p. 18). Tal aprofundamento permite ao telespectador melhor aproximação/compreensão da temática do programa, das obras e de seus autores.

Em razão do ponto de partida do programa não ser o escritor ou outro profissional, e sim de uma pauta proposta, de um tema específico, no programa, as obras citadas não são discutidas em profundidade, mas percebe-se o desejo em ajudar o telespectador a entender a construção, as inspirações e as referências do livro, do filme, da música, da telenovela etc. Esta escolha editorial, de abordar as obras correlacionando-as com a temática do programa, deixando de abordar especificidades (que muitas vezes exige conhecimento prévio sobre os textos abordados, sobre outros autores e o uso de termos especializados) permite que, o telespectador com menor repertório sobre o universo da escrita, entenda o programa em sua totalidade.

A busca em aproximar o telespectador do programa também está presente. Seja durante as entrevistas, quando Raphael Montes solicita aos entrevistados que expliquem um livro e/ou leiam algum trecho para quem os assiste, seja no quadro “Dando a letra”, que segundo os realizadores do programa é um “espaço para quem tem um projeto legal de literatura”, onde autores, editores e pessoas que possuem algum projeto literário, gravam um vídeo de aproximadamente dois minutos, para ser veiculado durante o programa.

Nota-se que há, por parte de quem produz o programa, a intenção em incentivar a leitura e o consumo de livros. Seja nos comentários de alguma obra, feitos por Raphael Montes e Katy Navarro, seja nos momentos em que eles convidam os telespectadores a se dirigirem à livraria mais próxima para adquirir uma obra.

Por fim, merece destaque o modo como o programa é editado. A ênfase está na palavra impressa, do livro editado e publicado, do roteiro de

¹² No dia 30/10 o programa não foi exibido para dar lugar ao programa “Esquenta caiu no Enem”.

filme, do documentário, da telenovela etc. O que está em discussão é a construção do roteiro, o argumento, o texto propriamente dito; mesmo quando o entrevistado é autor de produtos de variados formatos, a ênfase maior é dada ao texto editado no formato impresso.

E isto se vê, também, na escolha do tratamento do programa, no processo de edição. Quando algum produto audiovisual – série, filme, telenovela, documentário, etc. – é citado durante a entrevista, trechos dele não são mostrados.

O livro tem grande destaque na produção do “Trilha de Letras”. Em três programas analisados, o roteiro também foi bastante enfatizado, na entrevista com Duca Rachid, que falou do roteiro de telenovela, com Cacá Diegues, que comentou sobre o roteiro televisivo e o cinematográfico, e com Nilton Bonder, que falou sobre o roteiro de adaptação de um de seus livros para o teatro.

Este comportamento demonstra o modo em que os produtores do programa entendem literatura. Como explicita Antonio Candido (1968, p.II), “na acepção lata, literatura é tudo o que parece fixado por meio de letras – obras científicas, reportagens, notícias, textos de propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha etc.”.

Como o programa é produzido a partir de um tema, o critério de seleção dos convidados é a proximidade de seus trabalhos literários com o assunto tratado naquela edição. A análise apontou, também, que a seleção dos entrevistados não está, única e exclusivamente, centrada em lançamentos, seja editorial, de peças teatrais, de programas televisivos, de filmes, de músicas etc. Dos sete entrevistados, três possuíam obras recém-lançadas (com grande proximidade com a temática do programa em que participaram), foram eles: Nei Lopes, Eliana Alves Cruz e Nilton Bonder.

Comportamento semelhante se articula no quadro “Leituras com Katy”. Nele, as obras selecionadas, pela jornalista, não estão pautadas em lançamentos editoriais. Mas em todos os programas analisados, vê-se a busca em indicar ao leitor/telespectador títulos com forte afinidade com a temática do programa. Outra característica deste quadro, é que os livros selecionados não estão restritos aos títulos ficcionais. Dos sete livros indicados, dois eram de não-ficção: “Origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt (Cia das

Letras, 2013) e “Dramaturgia de Televisão”, de Renata Pallottine (Perspectiva, 2012).

Algumas considerações

O levantamento da grade de programas das cinco emissoras generalistas brasileiras, de sinal aberto, aponta que, nas emissoras comerciais, a literatura é utilizada como entretenimento (em geral, em adaptações literárias para telenovelas e minisséries), sem apelo crítico ou aprofundamento.

A maior oferta de programas culturais, encontra-se emissoras públicas de televisão, que buscam fazer uma programação voltada às diversas manifestações artísticas como cinema, teatro, música e literatura. E o livro é, sem dúvida, o que tem recebido menor atenção, com poucos programas.

Para além do que foi dito anteriormente, como o baixo interesse do público por literatura e, muitas vezes um programa voltado ao universo literário, exigir algum repertório, a ausência de reportagens e programas sobre livros se dá, também, porque, como apontou Francisco Rodríguez Pastoriza (2003), nos telejornais, ao tratar de informação cultural, há grupos de notícias que predominam sobre outros, não por seu interesse ou qualidade, mas por sua afinidade com o meio, com a imagem.

Las informaciones sobre géneros como el cine, la música pop, las artes plásticas, etcétera, se imponen a la literatura y el ensayo, la ópera, el cómic o la fotografía. No por su interés, sino por una errónea consideración de la información en la televisión como la continuación del espectáculo por otros medios (PASTORIZA, 2003, p.151).

Em que pese a dificuldade de se fazer programas com temáticas com pouca afinidade com a linguagem audiovisual, como o livro, a TV Brasil demonstra que é possível produzir um programa sobre este tema, permitindo o acesso à literatura, em seu mais amplo sentido. “Trilhas de Letras” é um programa que aproxima o telespectador dos autores nacionais que transitam pelo mundo dos livros e da literatura. Este programa mostra-se

como uma possibilidade de se fazer chegar a todos os públicos, dos mais variados repertórios, a literatura dos mais variados gêneros e, também, de obras eruditas.

Faz-se necessário ressaltar que, como aponta Dominique Wolton, “a televisão é o principal espelho da sociedade: é essencial, para a coesão social, que os componentes sociais e culturais da sociedade possam se ver e se referenciar na principal mídia. (2013, p. 68). E que para facilitar o acesso à cultura, “é preciso diversificar e ampliar a oferta cultural, e não somente se preocupar com a demanda que supõe o problema resolvido” (WOLTON, p. 65-66).

A realização do programa “Trilhas de Letras” possibilita, às amplas camadas do público, o contato com diversas obras literárias, contribuindo para a difusão da cultura brasileira. Além disso, ajuda a criar hábitos de leitura, permitindo a ampliação do repertório de quem acompanha o programa.

Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e Personagem. In: A personagem da ficção. São Paulo: Perspectiva, 1968.

_____. Direito à literatura. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: A Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, Ana Paula

Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs.). História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37-55.

BRASIL. Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, 2017.

FREIRE FILHO, João. Decifrando os mistérios da "oitava arte": A crítica televisiva no Jornal de Letras (1950-1970). XIII Encontro Anual da COMPÓS, UESP (São Bernardo do Campo/SP), de 22 a 25 de junho de 2004.

GUIMARÃES, Hélio. A presença da literatura na televisão. Revista USP, n. 32, USP, 1996-1997, pp. 190-198.

JORDÃO, Gisele & ALLUCCI, Renata Rendelucci. Panorama setorial da cultura brasileira 2013-2014. São Paulo: Alucci & Associados Comunicações, 2014.

JOST, François. Compreender a televisão. Porto Alegre/RS: Sulina, 2007.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

PASTORIZA, Francisco Rodríguez. Cultura y televisión: una relación de conflicto. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

TEMER, Ana Carolina & NUNES, Mônica Rodrigues Nunes. Conteúdos culturais do telejornalismo e a presença das mulheres jornalistas. Rumores, n. 16, vol. 8, julho - dezembro 2014.

RIVERA, Jorge B. El periodismo cultural. Barcelona: Paidós, 1995.

SANTOS, Moacir & CARNIELLO, Mônica. O desenvolvimento do sistema nacional de telecomunicações (1961-1967): a produção das condições técnicas necessárias à expansão do mercado publicitário no Brasil. 9º Encontro Nacional de História da Mídia.

UFOP, Ouro Preto/MG, 30 de maio a 1º de junho de 2013.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2007.

WOLTON, Dominique. Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Artigos publicados:

NUNES, M. R. Aproximações entre o livro e o jornal: a tradição do rodapé literário na imprensa paulistana na década de 1940. In: Comunicação & Informação, Goiânia, GO, v. 21, n. 1, p. 142-160, jan./mai. 2018

NUNES, M. R.. A televisão como meio de difusão da cultura: letras e livros no programa 'Umas Palavras'. 2017. In: Alaic Cone Sul Brasil. IX Seminário da Asociación Latinoamericana de investigadores de la comunicación. Goiânia, GO, 2017.

NUNES, M. R.. Cultura em televisão: informação sobre artes e espetáculos em uma TV Pública. In: Ana Carolina Rocha Pessoa Temer; Mari dos Santos. (Org.). Fronteiras híbridas do Jornalismo. Ied. Curitiba: Appris, 2015, v., p. 193-209.

NUNES, M. R.; TEMER, A. C. R. P. Conteúdos culturais do telejornalismo e a presença das mulheres jornalistas. Rumores (USP), v. 8, p. 198-217, 2014.